

A UNIVERSIDADE SOLIDÁRIA E A TEOLOGIA

Sandro de Souza PORTELA

“Os filósofos limitaram-se a interpretar de diversas maneiras o mundo, mas, o que importa, é transformar o mundo”.

(K. Marx)

Em novembro de 2001, enquanto andava pelos corredores de nossa Universidade, a PUC-Campinas, observando os murais e os seus conteúdos, defrontei-me com um cartaz que convocava alunos para fazerem parte do Projeto UNIVERSIDADE SOLIDÁRIA¹ (UniSol), no ano 2002.

Uma vez que já havia ouvido falar alguma coisa acerca de um projeto semelhante, desenvolvido por alunos da Faculdade de Odontologia da UNIMEP², no Xingu, interessei-me em, ao menos, obter maiores informações de como se daria a seleção e saber as datas da mesma.

Procurei a Secretaria da Faculdade de Teologia e Ciências Religiosas e o atendente encaminhou-me para a Coordenadoria Geral de Extensão da Universidade, na qual pude obter maiores informações acerca do Projeto.

⁽¹⁾ Características principais do projeto: adesão voluntária das universidades e dos municípios; desenvolvimento de um trabalho essencialmente educativo; não envolvimento em questões político-partidárias; a promoção de parcerias entre universidades e município com o objetivo de colaborar para a melhoria da qualidade de vida das comunidades; trabalho privilegiando ações que envolvam as pessoas da comunidade (principalmente agentes multiplicadores locais), a fim de assegurar a sustentabilidade dos projetos desenvolvidos.

⁽²⁾ Universidade Metodista de Piracicaba. Seu curso de Odontologia é ministrado em Lins, SP.

O treinamento ocorreria na segunda parte da primeira quinzena de dezembro e, os selecionados, 10 alunos, deveriam partir em viagem no dia 8 de janeiro de 2002. Observação: cada curso poderia inscrever apenas dois alunos para participar do treinamento, cabendo a cada diretor os critérios de seleção dos mesmos.

A data limite de inscrição era dia 5 de dezembro. Por sorte, apenas dois alunos do meu curso se inscreveram, eu e outro colega do primeiro ano, tornando, assim, desnecessária a primeira fase de seleção, ou seja, ambos iriam participar do treinamento.

Iniciado o treinamento de segunda a sexta-feira à noite e pela manhã do sábado, pudemos compreender melhor do que se tratava o Projeto bem como conhecer as experiências anteriores, uma vez que PUC participava do projeto desde a sua fundação, ou seja, desde 1995³.

No primeiro dia, 78 alunos participavam do treinamento que foi caracterizado, parcialmente, pela capacitação da equipe, o que demonstrava que todos os alunos envolvidos já estavam sendo treinados para a atuação em Nova Ibiá/BA⁴, o nosso município de trabalho de campo.

⁽³⁾ O programa Universidade Solidária (UniSol) foi criado em 1995 e tornou-se uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) em 2001. Mobiliza diferentes setores da sociedade e do Estado para trabalhar em municípios pobres de todo o país, visando colaborar para a melhoria da qualidade de vida de suas comunidades. O Módulo Nacional envolve o intercâmbio de conhecimentos entre universitários de todo o país e comunidades do Norte e Nordeste do Brasil. As atividades são desenvolvidas no município parceiro ao longo de três semanas, quando são realizadas ações educativas definidas a partir da realidade local, previamente analisada em viagem precursora realizada pelas IES (Instituições de Ensino Superior) convidadas. Após a conclusão dos trabalhos de campo, a continuidade dos projetos executados ocorre por meio do acompanhamento à distância e posterior retorno ao município, para o desenvolvimento de outras ações. Essa troca de conhecimentos entre universidades e comunidades contribui para o fortalecimento da responsabilidade social dos universitários e procura transformar o cotidiano da população. Os estudantes desenvolvem uma valiosa experiência de vida e uma visão mais apurada da realidade brasileira, ao mesmo tempo em que buscam, com a comunidade, soluções locais para os problemas identificados, contribuindo assim para o seu desenvolvimento sustentável.

⁽⁴⁾ Nova Ibiá é um município do sul da Bahia, emancipado recentemente (1989), fortemente marcado pela monocultura cacaueteira. O resultado da pesquisa do IBGE, em 2000, classifica-o como tendo cerca de 8 mil habitantes, sendo metade na área rural.

A professora selecionada pela Universidade para participar do UniSol – 2002, como Professor-Coordenador, Dr^a Juleusa Maria Theodoro Turra⁵, havia feito a viagem precursora dias antes e trazia consigo uma grande alegria de estar participando do projeto. Munida de muitas informações e fotos do local, procurava deixar-nos tranqüilos quanto ao trabalho e ciente de ter pela frente uma difícil missão: selecionar, dentre aqueles 78 alunos, apenas 10.

Depois de uma semana de treinamento, na segunda-feira seguinte, o resultado do treinamento, a lista dos 10 alunos selecionados e outros quatro classificados como suplentes.

Imediatamente na seqüência, iniciava-se, então, a capacitação da equipe propriamente dita.

O grupo era constituído, então, por quatro mulheres e seis homens, alunos de diferentes cursos⁶. Cada um com outras experiências diferentes das do curso que estavam fazendo, que faziam enriquecer ainda mais o grupo, abrindo margem para outras atividades.

Todo o trabalho desenvolvido pela equipe UniSol⁷ 2002, deveria ser de atuação social na cidade escolhida. Dividimo-nos, então, em quatro áreas de atuação, a fim de gerenciarmos as atividades e pensarmos conjuntamente os trabalhos desenvolvidos. Esses grupos foram formados por aptidões pessoais, pelas áreas de “geração de emprego e renda”, “meio ambiente”, “saúde e educação” e “identidade cultural”. Cada uma dessas equipes deveria pensar oficinas e técnicas de atuação na comunidade local. Com estas quatro áreas, pensávamos estar abarcando a maioria dos problemas sociais do município, uma vez que já tínhamos o parecer da professora orientadora que já conhecia o município, ainda que superficialmente.

⁽⁵⁾ Professora do então (extinto) Instituto de Ciências Humanas da PUC-Campinas e Doutora em Geografia.

⁽⁶⁾ Os alunos selecionados eram dos cursos de Medicina (Rafael, 4º ano), Enfermagem (Rita, 5º), Fonoaudiologia (Juliana, 4º), Biologia (Vitor Hugo, 3º), Engenharia Elétrica (Eduardo, 3º), Engenharia Sanitária (Emerson, 4º), Letras (Fabiano, 4º), Artes Visuais (Helen, 2º), Administração de Empresas (Fabrino, 4º) e Teologia (Sandro, 4º).

⁽⁷⁾ Universidade Solidária. Equipe constituída pelos dez alunos e a professora coordenadora.

O grupo de geração de emprego e renda, deveria pensar uma maneira de fazer com que a população encontrasse meios de aumentar sua renda e criar cooperativas ou associações a fim de crescerem conjuntamente. Entre outros trabalhos realizados pela equipe, destaco as questões de valorização do artesanato local⁸, incentivo à produção de subprodutos do cacau⁹ e piscicultura¹⁰. Foram também destacados pontos para que a prefeitura pensasse conjuntamente com os interessados a criação de uma associação para a produção de tijolos e telhas e uma associação para a produção de suco de cacau, um seguimento que tem crescido muito: o comércio de polpa de fruta. O município também não produz legumes e verduras para o seu próprio consumo. Todos estes produtos eram trazidos de outras cidades. Despertamos a população para que passasse a produzi-los e que a prefeitura adquirisse o excesso dos mesmos como merenda escolar.

O grupo de meio ambiente tentava demonstrar a necessidade de manter o ecossistema corretamente em equilíbrio a fim de procurar manter ou melhorar a qualidade de vida. Uma das constatações que mais chamou a atenção foi o descaso da população para com o rio que é fonte de água para o município. Nele são jogados os resíduos de esgoto a céu aberto e tudo quanto é lixo que se possa imaginar. Aliás, o “lixão” da cidade, fica a cerca de 200 m acima do rio, o que nos levou a afirmar, com toda a certeza, que os resíduos orgânicos são levados para o rio através da gravidade e do auxílio das chuvas. Foi feito um trabalho de conscientização de coleta seletiva de lixo e até mesmo de reciclagem do mesmo. Foi observado o matadouro do município, que não obedece às regras de higiene impostas pelo Ministério da Agricultura. A coleta de lixo do município é precária, os lixos domiciliares

⁽⁸⁾ Neste sentido, foi selecionado um grupo de pessoas que tinha seus trabalhos manuais em Nova Ibiá, e este foram conduzidos a Itacaré – litoral sul da Bahia – a fim de exporem suas técnicas e aumentarem a área de comércio de seus produtos.

⁽⁹⁾ Foi feita uma gincana com jovens, na qual as equipes participantes deveriam arrecadar o maior número possível de derivados do cacau. Para nossa surpresa, uma das equipes conseguiu aglutinar 15 itens diferentes: chocolate, polpa para suco, mel, geléia, licor, manteiga, doce, cocada de cacau etc.

⁽¹⁰⁾ Um dos alunos tinha experiência com criação de tilápias.

são armazenados em grandes lixeiras a céu aberto, o que acaba atraindo insetos, galinhas, cachorros, ratos e, principalmente, urubus¹¹. Foram, também, feitos testes na água que a comunidade bebe a fim de constatar a intensidade de coliformes fecais nela presentes. O que não se descobriu é o paradeiro do “lixo hospitalar”. Garantiram-nos que é levado a um local distante e é feita a incineração do mesmo, porém, ninguém quis nos mostrar o local onde é feito este serviço.

O grupo de saúde e educação pensou em atividades que trouxessem formação para a comunidade, como: maneira correta de escovação dental, uso de fio dental, uso de preservativos, doenças sexualmente transmissíveis, esquistossomose, leishmaniose, leptospirose, controle de natalidade, hipertensão, saúde do idoso, incentivo a atividades físicas, incentivo à leitura etc. Foram feitos, também, trabalhos de pesquisa nos centros de arquivos de dados, tanto das Secretarias de Educação e Saúde, a fim de detectar os maiores índices de ocorrências no município, tanto de doenças como na evasão escolar.

Por fim, o último grupo, identidade cultural, buscava resgatar a cultura esquecida do local, como a prática da capoeira e o folclore. Foi incentivada a prática da arte marcial e feitas pesquisas a fim de reconstruir um “Bumba-Boi” e fazer com que a população revivesse, com os mais velhos, a saída do boi às ruas, com todos os seus outros personagens e seus significados.

Um dos nossos primeiros trabalhos na cidade foi explicar que apesar de sermos de uma Universidade Pontifícia Católica, não éramos todos exclusivamente católicos e nem mesmo todos crentes. Dentro do grupo havia pessoas que não professam fé alguma e que sequer acreditam em Deus. O ser católico não é condição “*sine qua non*” para se estudar na PUC-Campinas. Tudo isso porque, no município, para a nossa estranheza, a Igreja católica não era maioria, devido à influência da Igreja Batista e da Assembléia de Deus. Quando fomos recebidos na cidade, parecia que a nossa estada em Ibiá se tratava de

⁽¹¹⁾ Grande era o número de urubus que encontrávamos na cidade. O local era propício para a sua sobrevivência e procriação: não faltava alimentação aos mesmos.

uma iniciativa da Igreja Católica, tamanha a insistência do locutor em dizer que éramos de São Paulo e universitários da Pontifícia Católica.

Estranho para a população era, também, a nossa ligação com o município. Ficamos sabendo que dias antes de nossa chegada, já se falava na cidade que se tratava de uma iniciativa da prefeitura municipal. Parece que foi feita uma "propaganda" ideológica partidária acerca de nossa ida até lá. Tivemos, então, que deixar bem claro que era uma iniciativa sim da prefeitura de Nova Ibiá, mas que o nosso trabalho não estava nem um pouco ligado à prefeitura. A prefeitura somente se inscreveu para que fosse desenvolvido o projeto naquele município.

Outro dado que era muito confuso era a nossa manutenção na cidade. Parecia que a prefeitura era responsável por nossa estada ali. A comunidade não sabia que recebíamos uma verba do Governo Federal e da Universidade para isso e que a Prefeitura só entrava com o alojamento. Até mesmo a alimentação e as funcionárias que cozinhavam e lavavam as roupas para nós eram custeadas por nós mesmos.

Mas, a questão da solidariedade, independentemente da religião que se professa, é a base desta reflexão.

1. SOLIDARIEDADE

Se procurarmos em um dicionário o significado do termo, encontraremos que a solidariedade é um sentimento que leva as pessoas a se auxiliarem mutuamente, ou uma dependência mútua entre as pessoas.

Diferentemente do que estamos habituados, portanto, a solidariedade é algo que exige reciprocidade. Sempre, ambos os lados estão recebendo e oferecendo seus dons.

Vamos nos reportar ao texto bíblico que fala bem a este respeito: "Eram perseverantes em ouvir os ensinamentos dos apóstolos, na **comunhão fraterna**, no partir do pão e nas orações"¹².

⁽¹²⁾ Cf. At 2, 42.

O que temos aqui, senão uma manifestação de solidariedade? Todos os seguidores* de Jesus, nas primeiras comunidades cristãs, preocupavam-se uns com os outros, faziam a partilha de seus bens, daquilo que era graça de Deus na vida de cada um e que era depositado em comum.

Assim, no nosso dia-a-dia, sempre temos algo a oferecer a alguém, somos portadores de inúmeras graças e bênçãos de Deus e que podem ser partilhadas e, da mesma forma, aprendemos e tiramos proveito da doação de outros.

O homem é um ser social e, por isso, necessita estar em relação com pessoas. Ninguém pode viver sozinho¹³.

E isso aconteceu com nossa experiência em Nova Ibiá. Na medida em que íamos oferecendo o nosso conhecimento, algo que tínhamos como fácil, mais e mais pessoas usufruíam desse nosso bem. E a reciprocidade era verdadeira. Quanto mais dávamos de nosso saber, de nosso conhecimento adquirido no decorrer dos anos, mais aprendíamos com aquela comunidade, seja com as pessoas simples e humildes, como com as pessoas detentoras do poder, seja cultural, social ou político daquele município do sul da Bahia.

Fazia-se necessário, então, cumprir os objetivos do projeto UniSol. Ao mesmo tempo em que os alunos faziam a inserção, na comunidade, de seus conhecimentos adquiridos na Universidade e na vida, "retiravam" dessa mesma comunidade novos aprendizados para a vida, aprendizado este que, na maioria das vezes, a Universidade não é capaz de fornecer.

Não dá para relatar o quanto foi bom perceber que, juntos, os dez alunos e a professora, conseguiam passar uma segurança tão

⁽¹³⁾ Conforme B. Mondin, doutor em Filosofia da Religião e professor de Antropologia, "o homem, pelo menos aparentemente, recebe a vida da sociedade, desenvolve os seus conhecimentos e as suas habilidades com a ajuda da sociedade, adquire determinada cultura, certas crenças religiosas, certos princípios morais e certos critérios estéticos segundo a sociedade a qual pertence. Além disso, na explicação de suas disposições afetivas, o indivíduo tem, absolutamente, necessidade dos outros. Tudo isso revela uma intrínseca dependência do indivíduo com relação à sociedade" (*O Homem, Quem é Ele?*, 1980, p.166).

grande para a população, que chegávamos a ficar chateados, certos de que não éramos, e nem somos, tudo aquilo*que eles acreditavam que fôssemos. Mas a certeza de estarmos estudando para ser ou médico, ou biólogo, ou enfermeira, ou professor, ou padre etc, pertos já de concluir o curso, fazia com que as pessoas se sentissem importantes quando passávamos nas ruas e cumprimentávamos as pessoas. Era muito gratificante quando realizávamos uma atividade e víamos que, com a nossa disponibilidade e atenção, mais do que com o nosso conhecimento, víamos os frutos da mesma, percebíamos a alegria das pessoas em estarem sendo tratadas com respeito e, ao mesmo tempo, sendo sujeitos de grande atenção.

Foi maravilhoso e compensador à aluna que cursa Fonoaudiologia quando ela ensinou um adolescente de cerca de dezesseis anos a pronunciar a letra “g” quanto emite o som de “gue”. Foi a primeira vez que a mesma ensinou alguém a “falar”. Está certo que, com a sua profissão, ela teria muitas outras chances como esta. O mesmo aconteceu com o aluno de Letras que foi procurado por uma moça que estava prestes a prestar um concurso público, para “tomar” algumas aulas de inglês, a fim de se sair melhor no referido exame. A aluna de Enfermagem foi chamada para fazer um curativo de emergência em uma criança que havia se machucado. O aluno de Engenharia Sanitária conversava com o engenheiro da Prefeitura como “gente grande”. Eu fui solicitado para fazer uma reflexão em uma das celebrações dominicais, pois o padre não estava presente na cidade naquele final de semana.

Eram estas oportunidades, que não faziam parte de nossa atuação, que faziam com que tivéssemos a certeza de que estávamos sendo solidários para com a população. E por mais que todos não acreditem, ninguém é tão pobre que não pode oferecer nada para o outro. De todas as pessoas que nos deparamos naqueles dias, sem dúvida, de todas elas tiramos uma lição para a vida. Cada rosto, cada semblante, cada palavra falada, ficarão guardados em nossas vidas, pois a experiência foi riquíssima. Talvez mais para uns, menos para outros.

2. A SOLIDARIEDADE E A RELIGIÃO

Primeiramente, poderíamos perguntar: o que é religião? B. Mondin diz que *“a religião é um conjunto de conhecimentos, de ações e de estruturas com que o homem exprime reconhecimento, dependência, veneração com relação ao Sagrado”*.¹⁴

Diante desta definição, parece-nos necessário entendermos o que vem a ser o Sagrado em questão. O sagrado, aqui, é o ser que o homem cria, ou passa a ter, apreendendo-o de outrem, como seu “ídolo”. Esse “deus” é o vai dar sentido a todas as suas aspirações e vai fazer com que venha a almejar sempre “algo mais”. Esse “deus” pode ser transcendental, metafísico, ou até mesmo material, físico. Para nós, cristãos, Sagrado é o nosso Deus Pai/Mãe, Criador, Salvador e Libertador.

Porém, diante dessa afirmação, podemos afirmar que todo homem é ser religioso e, portanto, de uma forma ou de outra, manifesta ou expressa sua religião.

Algo, porém, que é comum em todas as manifestações religiosas¹⁵, podemos perceber, é a busca do bem comum, da felicidade, dos valores da vida.

Sempre que possível, procurávamos dizer que a solidariedade não tem religião. Como já vimos, em um município em que grande parte da população se dizia não católica, como arrumar espaço para se falar de qualidade de vida e de melhorias sociais? Sempre caíamos na questão: somos católicos!

Foi preciso muito trabalho para que se perdesse este preconceito.

É impressionante como as pessoas, quando se trata de religião, ou atacam à distância ou mantêm-se isoladas. Em outras palavras, é difícil tornar os ideais evangélicos de justiça, igualdade e

⁽¹⁴⁾ MONDIN, B., *O Homem, Quem é Ele?*, p. 242.

⁽¹⁵⁾ Não fazemos, aqui, considerações acerca de “seitas demoníacas”. Tratamos de religiões que merecem nossa atenção, seja pela sua ação ou por sua história.

verdade comum a todas as pessoas. É difícil fazer ecumenismo, muito mais difícil, ainda, o macro-ecumenismo. *

Porém, alguns dias de trabalho se passaram e já estávamos conseguindo o nosso espaço em todos os meios. As pessoas, independentemente de qual religião professavam, foram percebendo que a nossa intenção estava além da religião ou da doutrina de cada uma delas. O que nos unia era muito maior do que aquilo que nos desunia.

Nos Evangelhos vemos que Jesus disse *"Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em plenitude"*¹⁶. Esse é o ideal que devíamos fazer acontecer em Nova Ibiá: procurar fazer com que a vida fosse valorizada e fossem buscadas maneiras de se aprimorar a qualidade de vida das pessoas, independentemente da religião a que estavam inseridas ou a fé que professassem.

Isso é ser solidário, é fazer o bem a quem quer que seja. É não olhar para o outro enquanto o que tem ou o que manifesta ser, mas olhando-o por aquilo que é, o seu ser, ser pessoa.

E mais, ser solidário, em nossos dias, partindo de uma reflexão teológica, é fazer com que o "Pão Nosso"¹⁷ seja, de fato, conquistado por todos, seja verdadeiramente "nosso". Em nossa sociedade, marcada pela má divisão de renda, onde poucos podem consumir o pão que produzem na luta do dia-a-dia, o ideal é a partilha. Ideal este que, sabemos, está longe de se tornar real, mas que deve ser tomado em nossas vidas como vetor. Esse ideal é fazer com que o pão chegue em todas as mesas. Para isso, a prática da justiça é indispensável, pois esta é o grande sinal do reino de Deus presente entre nós.

E, como bem sabemos, a igualdade em nosso país está muito longe de ser alcançada, por inúmeros motivos. Vejamos o texto a seguir:

⁽¹⁶⁾ Cf. Jo 10,10.

⁽¹⁷⁾ "Dá-nos hoje o pão nosso de cada dia" (cf. Mt 6,11).

*“Infelizmente, em nosso país, há muitas mãos e vontades políticas fechadas quanto ao respeito pelos direitos e pela dignidade humana. A desigualdade é extrema, constituindo até o traço mais característico da sociedade brasileira. A base da pirâmide social continua sendo excluída dos resultados do trabalho de todos, com enorme parcela de pessoas vivendo em condições infra-humanas. Concentra-se a riqueza no seu topo, ao mesmo tempo (sic!) que aumenta a distância entre os níveis de renda mais altos e mais baixos”.*¹⁸

E ainda, podemos citar outro texto:

*“Para essa situação inaceitável não perdurar, é preciso que o povo que sofre tome consciência e se levante. Esse é o objetivo das organizações e movimentos populares que mobilizam o povo na luta por diferentes tipos de direitos”.*¹⁹

Para esta questão de exclusão, de sub-vivência²⁰ é que se deve voltar o nosso olhar. No entanto, muitas vezes, a nossa distância em relação a essas realidades levam-nos a olhá-los com desdém e acabamos ficando acomodados, apáticos e insensíveis.

Aqui deve estar presente a nossa atuação. Se, de fato, almejamos fazer Teologia, ou seja, à luz da Palavra de Deus e da realidade em que estamos inseridos, utilizando como mediação os valores evangélicos e a prática de Jesus, devemos transformar esta realidade que nos parece tão incoerente com os ideais do reino. A

⁽¹⁸⁾ 14º Congresso Eucarístico Nacional, p. 72.

⁽¹⁹⁾ Idem, p.73.

⁽²⁰⁾ A meu ver, as pessoas não estão mais “sobrevivendo”, mas a realidade nos mostra que a diferença tornou-se tão aguda, a exploração está tão acentuada, a cada dia que passa vemos mais e mais povos sendo dizimados pelas culturas dominantes, que creio estarmos adentrando num processo de sub-vida.

nossa práxis deve levar a todos e a todas a terem a vida em abundância, que foi a base da ação de Jesus e que já mencionamos anteriormente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não posso terminar este texto, no entanto, sem fazer uma consideração que acredito ser muito importante, pois, se o deixasse de fazer, estaria sendo infiel aos meus princípios e estaria negando uma parte de minha idéia acerca deste trabalho realizado em janeiro próximo passado, a UniSol/2002.

Como já foi exposto, trata-se de um projeto do Governo Federal que, como já pude observar anteriormente, é de grande valia para ambos os grupos interessados, nós, a equipe UniSol, e a comunidade de Nova Ibiá.

No entanto, ficaria muito mais feliz se este tipo de trabalho não existisse em nosso país. Para mim, um trabalho como este vem afirmar a política que estamos inseridos, vem afirmar a divisão de classes e, ainda, a distância entre os economicamente ativos e os despossuídos de bens. Basta dizer que, para um trabalho como este, selecionam-se pessoas de um poder aquisitivo maior, da região mais rica de nosso país e as transporta para a região mais carente do Brasil.

Não sei até que ponto as pessoas se sentiram motivadas a lutarem pelos seus direitos e reivindicarem a melhoria na qualidade de vida. Demonstrando nossas aptidões e alertando sobre a melhor maneira de se viver, pude perceber que as pessoas acreditavam que aqui no Estado de São Paulo era o melhor lugar para se viver, onde as pessoas eram educadas, eram estudadas, tinha-se campo de trabalho, de vida digna. E mais, o melhor que tinham a fazer era saírem de sua terra e dirigirem-se para o sul ou sudeste do país.

Parece que estávamos ratificando naquela comunidade a imensa diferença e o abismo enorme que nos separa. Acredito que isso não foi muito bom. Se, por um lado, demonstramos a necessidade de mudança, creio que, de outro, reforçamos a disparidade e podemos ter sufocado a esperança de dias melhores naquele local.

Até mesmo o prefeito de Nova Ibiá²¹ nos afirmou que, em uma única vez que esteve aqui no Estado de São Paulo, em uma visita à região do Vale do Paraíba, ficou apaixonado e que aqui é “primeiro mundo”.²²

Assim sendo, chamo a atenção para este texto:

“A própria natureza dos interesses que dominam nossa sociedade é baseada no egoísmo, na competição, na busca do lucro máximo. O trabalho assistencial realizado para ajudar o povo pobre, independente da intenção das pessoas que benemeritamente o realizam, pode assegurar o sistema vigente. Em termos políticos, cumpre um objetivo paliativo, isto é, compensa parte dos malefícios causados pela política econômica excludente e pelas falhas, e até ausência, de políticas sociais.”²³

Ser solidário, sim! Com toda certeza, após esta magnífica experiência realizada em Nova Ibiá, posso incentivar a todos para que possam fazer experiências como estas, seja em um projeto Federal

(21) Aslam Brito (PL/BA), em quatro mandatos após a emancipação do município, prefeito por três vezes. A única vez que não venceu o pleito foi porque não podia se candidatar devido a lei em vigência em tal ano, que impedia a reeleição, mas que fez o seu candidato.

(22) “Lá vocês estão no primeiro mundo, as estradas que vocês têm são de primeiro mundo, aqui isso nunca vai mudar...” disse o prefeito de Nova Ibiá, referindo-se à Rodovia Dutra e às estradas de chão que eles têm por lá, sempre cheias de buraco, e quando asfaltadas, com uma capa de péssima qualidade, devido à má conservação.

(23) 14º Congresso Eucarístico Nacional, p. 72.

semelhante a este que participei, mas, também naquele serviço que cada um de nós pode realizar em seu bairro,*em sua comunidade local, em seu dia-a-dia, como cidadão. A solidariedade não tem religião, nem espaço e nem tempo. A todo instante e lugar podemos, e devemos, ser solidários.

No entanto, peço que nunca deixemos de olhar e lutar para que a justiça e a verdade sejam alcançadas, para que a paz, tão sonhada, seja realidade e que a igualdade entre os povos deixe de ser uma utopia.

*Meu abraço à equipe UniSol/2002.
Pela oportunidade de conhecê-los,
pela amizade que cultivamos, pelas
experiências trocadas, pelo carinho e
zelo que a partir daí cultivamos, rogo
a Deus pela realização profissional
de cada um.*

*Quando profissionais, lembrem-se
desses ideais!*

A sociedade conta com a gente!

Sejam felizes! Vocês são demais!

BIBLIOGRAFIA

- 14º Congresso Eucarístico Nacional. *EUCARISTIA: Fonte da Missão e Vida Solidária*, São Paulo, Paulus, 2001.
- MONDIN, Batista, *O Homem, Quem é Ele? Elementos de Antropologia Filosófica*, São Paulo, Paulinas, 1980⁷.
- UNISOL – UNIVERSIDADES. *Guia de referência para ações do UniSol. Módulo Nacional – 2002.*

*Sandro de Souza Portela é aluno do
4º ano de Teologia na FTCR da
PUC-Campinas.*

e-mail:portelasandro@bol.com.br